

Os causos na região do Pantanal Brasileiro: identidade e poética (estudo)

RICARDO PIERETTI CAMARA – UAB

Causos pantaneiros são as narrativas orais conservadas e transmitidas pelos moradores da maior planície alagada do mundo, o Pantanal. Essas narrativas são fonte de informação e diversão do povo pantaneiro. Mas, desde que o chamado progresso chegou naquele lugar, na forma de rádio, televisão, antena parabólica; o causo pantaneiro começou ficar ameaçado de extinção.

Sobre a narrativa pantaneira, Fernandes, define:

“ O conceito de literatura popular pantaneira desloca-se da ‘busca da origem’ e recai sobre o contador. São as histórias contadas por pantaneiros, isto é, por pessoas que assimilaram os costumes e a cultura da região, que consideramos literatura popular pantaneira. Então, os mitos não precisam ser fundados no Pantanal para assumirem traços de lá, nem as lendas e os contos. Se não ignoramos as narrativas que se passam para além do Pantanal é porque acreditamos que aí se concentra uma riqueza de temas. O contador que fala em Corumbá traz consigo histórias dos rincões pantaneiros e dos lugares que visitou, morou ou ouviu falar.”¹(Fernandes, 105-106).

Para tentar identificar os causos pantaneiros, fomos atrás de contadores de causos. O critério de escolha foi a consulta entre moradores das fazendas do Pantanal, na área localizada no Mato Grosso do Sul. Dos proprietários aos os peões, a maioria conhecia alguém que, para eles, tinha um talento para contar histórias.

Desta maneira, chegamos a dez contadores de causos, todos do sexo masculino, em sete municípios distintos. Dos dez, apenas dois estavam em fazendas, os outros oito, por motivo de doença, aposentadoria ou estudo dos filhos, se encontravam nos núcleos urbanos das cidades sul-mato-grossenses. Mas, com exceção de um contador, conhecido como Seu Mineiro, todos tinham uma história de vida na região pantaneira. A opção por Seu Mineiro, morador de fazenda no município de Dourados, cerca de 300 quilômetros do

¹ FERNANDES, Frederico Augusto Garcia; *Entre Histórias e Tereré*

Pantanal e de origem mineira, foi a possibilidade de comparação entre suas narrativas e as dos narradores pantaneiros. O contador mais jovem estava com 42 anos de idade e o mais idoso com 86 anos. A pesquisa de campo foi feita no decorrer do ano de 2004.

Foram ouvidas 167 histórias, as quais dividimos em 13 tipos, sendo eles: caso de onça, de cobra, de bichos diversos, de pescaria, de ser imaginário, de lugar imaginário, de pessoa perdida, de enterro, de luz misteriosa, de benzedor, de perigo, de mentira e de assuntos diversos.

O tipo mais recorrente foi o caso de ser imaginário, que apareceu 32 vezes, seguido do caso de onça, 30 vezes.

Com a verificação dos dois tipos de casos mais frequentes, chegamos a conclusão de que a temática dos casos está situada no “bio-espaco real” e nas “representações imaginárias”.

Contudo, não podemos aprisionar as narrativas em um ou outro campo. Muitas vezes, o tema pode estar localizado no cotidiano “real” do contador e seu desenvolvimento fazer parte do imaginário.

Os casos de serpente, por exemplo, se realizam no bio-espaco real, representa o perigo cotidiano do encontro com este animal perigoso. Mas, as histórias tomam proporções maiores que as experiências vivenciadas e acabam se projetando nas representações imaginárias. Desta forma, a cobra sucuri, conhecida por suas grandes proporções, pode se transformar em um monstro, que aloja uma criança ou um cavalo, ambos vivos, em seu interior.

Desta mesma maneira, ruídos semelhantes a gritos, desaparecimento de pessoas ou animais, luzes estranhas, pessoas desconhecidas, enfim, todos os elementos da vida cotidiana que não apresentam explicações imediatas se tornam um imenso repertório de representação imaginária para o povo pantaneiro. Seu Marcondes nos conta:

- *Uma veis, eu aloitei c'uma onça.*

- *É?*

- *É. Mais eu era novo naquele tempo, né. Tinha força, né. Ela pulô ni mim, assim, né, pa mi pegá, que ela levanta pa pegá a gente, né. Aí, eu grudei ela do braço, assim, e aloitemo no mei de pedra, e tôco, né, esse pobrema aqui acho que é até disso, ela me jogô numa pedra, bati as cadera numa pedra. Aí, ela vei de novo, grudei ela otra veis. Aí aloitei no mei daqueles tôco. Ela pulava, queria me mordê na cabeça, eu afastava ela, assim, né, e aloitemo no mei daqueles tôco ali, vai daqui, dali, né. Daí, minha sorte é que pegô um tôco no rabo dela, né, rinrinrin, enroscô no rabo dela, aí ela no oiava mais pra mim, ela só cuidava o tôco, né. Quando eu ia batê, ela oiava o tôco e tirava, assim. Daí ela começô querê escapá de mim, né, aí, eu larguei ela e ela, oh! Se mandô. Rranranranran²*

Contadores de causo- Como foi dito acima, dez contadores participaram deste trabalho com suas histórias. São eles: Seu Marcondes, 66 anos, natural do município de Bonito, passou 45 anos levando boiada em comitiva pelo Pantanal, contribuiu com 40 causos, dos quais, nove são de seres imaginários; Seu Perigoso, 62 anos, natural de Maracaju, até a data das conversas trabalhava de empreitada na perfuração de poços no Pantanal. Contou 33 causos, destes, 20 fazem parte das mentiras; Seu Oscar, 79 anos, nascido no município de Miranda, trabalhou por mais de 60 anos como peão de fazenda no Pantanal. Contribuiu com 26 histórias, sete de seres imaginários; Carlão, 42 anos, natural de Campo Grande, exerceu por doze anos a função de peão em uma fazenda no interior do Pantanal. Contou 19 causos, dos quais, sete estão incluídos na temática da onça; Seu Edson, 60 anos, natural de Campo Grande, trabalhou durante 20 anos no Pantanal. Narrou 12 causos, quatro de seres imaginários; Seu Benjamin, 86 anos, natural do município de Corumbá, por mais de 60 anos trabalhou como peão nas fazendas pantaneiras. Contribuiu com dez histórias, das quais, três são de onça; Seu Chumbo, 68 anos, natural de Corumbá, nasceu e se criou no interior do Pantanal, trabalhando por 57 anos como peão. Dos oito causos que contou, quatro são de seres imaginários; Seu Silvério, 74 anos, natural de Miranda, sempre trabalhou com gado no Pantanal. Contribuiu com sete causos, sendo dois de onça, dois de seres imaginários, dois de lugares imaginários e um de enterro; Seu Leandro, 74 anos, nasceu em Corumbá e trabalhou

² ASSIS, Marcondes de; 2004

mais de sessenta anos como peão de fazenda. Contou dois causos, um de benzedor e outro de perigo; e por fim, Seu Mineiro, 56 anos, nascido em Minas Gerais, há 27 anos estava no Mato Grosso do Sul, sempre na zona rural do município de Dourados. Contribuiu com 10 histórias, destas, três são de cobras.

Os contadores de causos experimentam várias posições em suas histórias. Eles podem estar dentro da narrativa e levar toda a narração em primeira pessoa do singular ou do plural e podem estar fora dela e usar a terceira pessoa.

Também caracteriza o contador, a interatividade que ele proporciona ao ouvinte. Os causos são contados geralmente em círculos de pessoas, nos momentos de ócio, e o narrador deixa espaços para os ouvintes fazerem perguntas ou comentários durante a narração. Quando há pessoas de convívio mais íntimo do contador, elas são intimadas a confirmarem determinadas situações para que os ouvintes não tenham dúvidas de que os fatos narrados são verdadeiros.

O contador de causos geralmente cria um cenário imaginário, onde com gestos e movimentos faz uma performance de representação dos fatos narrados e define tamanhos, alturas, velocidades, distâncias, etc...

Os causos pantaneiros- As narrações que definimos como causos, não apresentam regularidade de tamanho, forma ou tempo. As principais características dos causos são a temática e a ambientação. Na temática, a narrativa apresenta o contexto cotidiano junto ao fabulário e o imaginário fantástico. A partir deles, há toda uma invenção que engloba mitos, lendas, histórias de aventuras, bravuras ou simples relatos do dia-a-dia.

Depois da divisão de temas feita acima, podemos subdividi-la em mais grupos. Por exemplo, os causos de onças podem ser sobre ataques de onças, caçadas e curiosidades; nos de cobra temos os de cobra venenosa e as não-venenosas. As histórias com sucuri, cobra não-venenosa encontrada com muita facilidade no Pantanal, são as

mais freqüentes; nos causos de bichos diversos aparecem a fauna pantaneira com suas emas, porcos-monteiros, jacarés, etc.; as pescarias trazem curiosidades e mentiras. Nos seres imaginários, encontramos um vasto número de personagens, como as assombrações, o mãozão, o pai-da-mata, o pé-de-garrafa e muitos outros. É comum que na mitologia pantaneira esteja presente uma forte conotação de defesa da natureza por seres fantásticos. Os causos sobre lugares imaginários seguem a mesma linha dos seres imaginários, mas colocam o espaço como o responsável pelos acontecimentos sobrenaturais. As histórias sobre pessoas perdidas também seguem a linha já traçada dos seres imaginários, quando pessoas são induzidas misteriosamente a se perderem do caminho ou são relatos de fatos concretos de pessoas que se equivocaram na imensidão do Pantanal. Os enterros continuam os causos que englobam “real” e imaginário. Há uma junção de fatos concretos, como os enterros de tesouros feito pelos paraguaios que fugiam durante a guerra sem poderem levar suas fortunas, com a maldição atribuída a esses bens; os causos de benzedores, transferem certa tradição da pajelança aos curadores atuais, que utilizam ervas e orações para resolverem problemas que só poderiam ser solucionados em hospitais; os causos de perigo, retratam valentias dos contadores em determinados momentos em que tiveram riscos de morte, os perigos mais freqüentes são os acidentes com cavalos e as tempestades; nos causos alocados nas mentiras, encontramos os exageros e as projeções; nas histórias de luzes misteriosas se encontram vários temas, como os próprios enterros, que emitiriam luzes para se mostrarem aos predestinados a encontra-los, discos-voadores, etc.; e finalmente o que apresentamos como outros, são quatro causos, que não se enquadram em nenhuma das classificações. É o de uma ossada, supostamente de índio, encontrada por casualidade, duas histórias sobre contadores de causos famosos e uma sobre a vida de Silvino Jaques, personagem histórico de Mato Grosso do Sul.

A ambientação é uma característica do causo que o define não geograficamente, mas o projeta como universo mítico. Em outras palavras, o Pantanal recria um universo paralelo ao sertão. A região pantaneira passa a ser garantia de veracidade para acontecimentos suspeitosos. Imagina-se que o ouvinte não questionará algo acontecido em lugar tão misterioso, tão intransponível para a razão humana.

A partir das barreiras estabelecidas pelos narradores pantaneiros, surge dentro deste espaço um lugar livre para a invenção. As crenças ancestrais se somam à inventividade do pantaneiro moderno. Começa haver uma mescla de informações sabidas pela tradição oral vinda dos pais com as informações chegadas da cidade, principalmente através do rádio e da televisão.

Para concluir, seu Perigoso relata:

- *Sicuri, meu pai tinha uma, meu pai tinha uma chacrinha aqui na Água Fria. Dá dezoito mil equitare a chácara do meu pai, né. Ele no fala fazenda. É chácara. Fazenda é de quinhentos e cinquenta mil em diante. Então aí, o cavalo foi bebê água no corixo e meu pai falou:*
- *Perigoso, vai lá atrais do cavalo. O cavalo no apareceu prá comê milho. O cavalo sumiu. – Aí, eu tava bem por ali, fui lá no córgo, né, no corixo, tava o sicuri lá, da grossura daquele pneu de cêbêê, aquele pneu trasero. Aí falei pro meu pai:*
- *Mais, o sicuri é muito grosso. Com espingarda, com uma trinta-e-oito no mata ele. - Aí meu pai passô um rádio prá Campo Grande. Veio a turma do quartel, né, de Campo Grande. Vieram de avião. Dero uma rajada nele assim. Cada tiro qui dava, caía o pente de bala da metralhadora. Aí pra matá, a gente teve que achá uma machete, foice e machado prá degolá ele. Aí matô o sicuri, abriu a barriga dele e o cavalo saiu correno.*
- *Salvou o cavalo então?*
- *Saiu correno. E, o sicuri deu quinhentos e oitenta metro, como daqui mais-o-meno, lá na viação. Deu quatrocentos e cinqüenta lata de banha, essas lata de vinte litro, dessas grandona.³*

³ SANTOS, Valmir Norberto dos; (Seu Perigoso), 2004